



Paradigmas

Paradigmas

Paradigms

Maurício Salles

Resumo

Este artigo pretende contribuir para a melhor compreensão acerca do que é um paradigma científico, e estimular reflexões sobre o tema. Para isso, inicialmente, o conceito de paradigma é apresentado. Em seguida, são mostradas suas características, funções, virtudes e limitações. No final, são abordadas as especificidades do paradigma consciencial, base da ciência Conscienciologia.

Palavras-chave: autopesquisa; ciência; Conscienciologia; paradigma; paradigma consciencial.

Resumen

Este artículo pretende contribuir a la mejor comprensión acerca de lo que es un paradigma científico, y estimular reflexiones sobre el tema. Para eso, inicialmente, el concepto de paradigma es presentado. A continuación, se muestran sus características, funciones, virtudes y limitaciones. Al final, se abordan las especificidades del paradigma consciencial, base de la ciencia Conscienciología.

Palabras-clave: auto-investigación; ciencia; Conscienciología; paradigma; paradigma consciencial.

Abstract

This article intends to contribute to a better understanding about what is a scientific paradigm, and stimulate reflections on the theme. For this, initially, the concept of paradigm is presented. Next, its characteristics, roles, virtues and limitations are shown. In the end, the specificities of the consciencial paradigm, the basis of Science Conscienciology, are addressed.

Keywords: Conscienciology; consciencial paradigm; paradigm; science; self-research.

INTRODUÇÃO

A Conscienciologia, enquanto campo científico, é estruturada por conjunto de premissas que constituem seu referencial, o denominado *paradigma consciencial*. Embora a maior parte das proposi-

ções que constituem a base de qualquer paradigma costumem ser conhecidas, mesmo de modo superficial, por aqueles que o compartilham, seu *modus operandi* fundamental acaba passando despercebido.

Este artigo objetiva colaborar para o aprofundamento da compreensão acerca do que é um paradigma científico, inclusive o da própria Conscienciologia, além de estimular reflexões sobre o tema.

A metodologia principal utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Várias ideias contidas neste artigo tiveram origem no excelente laboratório da sala de aula do IIPC, em debates com os alunos sobre a temática paradigma, ocorridos durante palestras e cursos ministrados pelo autor, e na análise pessoal em relação ao assunto.

Este trabalho é composto das seguintes seções: *I. Paradigma*, na qual o conceito de paradigma é apresentado, da mesma maneira que suas características, funções, virtudes e limitações; *II. Fixação do Paradigma*, onde são mostrados os efeitos da rigidez paradigmática; *III. Paradigma Consciencial*, em que são abordadas as especificidades do paradigma que referencia a ciência Conscienciologia.

I. PARADIGMA

O termo *paradigma* pode ser entendido, de maneira mais ampla, ao modo de padrão, norma, ideal, modelo, exemplo a ser seguido por alguém, ou conjunto integrado de crenças, sentimentos e atitudes, envolvendo complexa orientação mental.

Onde há leis, procedimentos, valores que estabeleçam limites de conduta, existe um paradigma. Ele pode ser individual ou coletivo. O paradigma se constitui nas *lentes* através das quais vemos o mundo, induzindo nossos pensamentos, emoções, energias e ações. Dentro da ciência, entretanto, seu conceito adquire contornos mais particulares.

O paradigma é espécie de teoria geral que fornece contexto abrangente para a maior parte dos fenômenos conhecidos em seu campo de estudo. Ele se refere ao conjunto de suposições básicas e implícitas sobre as quais se apoiam hipóteses, modelos e teorias, sendo, também, reforçado por elas.

Ele consiste de visão de mundo teórica, um modelo da realidade, adotado por um grupo de cientistas, representado por uma ontologia, um corpo de leis, uma lista de prescrições metodológicas e um sistema de valores fundamentais para a ciência. O paradigma define os problemas de pesquisa para o cientista, diz a ele o que esperar e proporciona métodos para resolver as questões.

Contudo, existem mais componentes em um paradigma do que é possível tornar claro através de orientações e normas específicas.

Podem haver, também, paradigmas menores dentro de outros mais abrangentes. É viável, do mesmo modo, vários paradigmas diferentes conviverem sem conflito. A ciência é, portanto, composta por grande número de paradigmas, não havendo garantias de um ser mais verdadeiro que outro. Os pesquisadores envolvidos em determinado paradigma sempre visam aproximá-lo, o máximo possível, da realidade.

De acordo com Thomas Kuhn, o termo paradigma se aplica, em ciência, às realizações que partilham duas características básicas: às obras de um cientista, ou de um grupo de cientistas, importantes, e sem precedentes, para conseguir atrair número duradouro de seguidores, afastando-os de outros meios de atividade científica diferentes e, em segundo aspecto, que essas obras sejam suficientemente abertas para possibilitar que quaisquer tipos de problemas sejam solucionados pelo novo grupo científico formado.

O paradigma é, em essência, um exemplo compartilhado entre os cientistas, que resolvem problemas modelando-os com soluções anteriores. Através de *exemplares*, adquire-se a habilidade de se agrupar situações e objetos em conjuntos semelhantes. Os pesquisadores adquirem esse conhecimento através de sua educação científica, ao resolver problemas-padrão, fazer experiências-padrão e, em alguns casos, por meio da orientação de um supervisor já treinado dentro do paradigma. Assim, eles se inteiram dos métodos, técnicas e normas daquele paradigma.

As soluções concretas, que passam a ser utilizadas como exemplos ou modelos, podem vir a substituir regras explícitas e servir de alicerce para a elucidação dos problemas restantes daquele ramo científico.

Os cientistas acabam trabalhando, com confiança, dentro de área bastante específica do paradigma, onde há problemas bem definidos, junto com os procedimentos julgados adequados para sua solução. Um cientista típico, devido a tudo isso, não está consciente da precisa natureza do paradigma em que atua, não o questionando.

Em tal empreendimento, o cientista, geralmente, tenta forçar a natureza a se enquadrar nos limites previamente estabelecidos e inicialmente inflexíveis do paradigma, que abarca apenas determinada faixa da realidade.

A pesquisa científica *normal* se articula dentro dos fenômenos e modelos fornecidos pelo paradigma. Aqueles fenômenos não ajustados a seus limites são comumente ignorados, adaptados, ou nem são vistos.

Conforme Werner Heisenberg, o que o cientista observa não é a natureza em si, mas a natureza exposta ao método investigativo escolhido. Quanto mais limitado for esse método, menor proximidade se tem da realidade. Fenômenos que já poderiam ser estudados pela ciência ainda não o são, porque escapam ao padrão adotado hoje por ela.

Essa desvantagem dada pela limitação imposta por um paradigma é contrabalançada pelos inúmeros problemas resolvidos, que não seriam solucionados se não houvesse um comprometimento com ele. Caso isso não acontecesse, haveria um debate constante a respeito dos fundamentos de cada teoria ou modelo. Tal fato acabaria gerando enormes desacordos, impossibilitando pesquisas mais profundas, pois haveria tantas teorias quanto fosse o número de pesquisadores, e estes teriam sempre que *começar do zero* e justificar suas abordagens próprias específicas.

Ao concentrar a ação em uma faixa determinada de dúvidas, sem precisar ficar justificando

as bases de seu paradigma, já aceitas pelo seu grupo, o cientista pode aprofundar sua pesquisa de maneira que não lhe seria possível antes.

Os problemas não solucionados podem ser vistos como *anomalias* do paradigma. Todos os paradigmas encontram dificuldades, pois não conseguem explicar a natureza como um todo. Assim, a simples existência de questões não resolvidas dentro de um paradigma não configura uma *crise*.

A anomalia será considerada grave se atacar diretamente os fundamentos do paradigma e resistir a todas as tentativas de removê-la. Um grande número de anomalias pode também ajudar na instalação de uma crise paradigmática. É durante essa crise que começam a se elucidar interrogações não atendidas pelo paradigma.

A comunidade científica também tem seus *hereses*. Eles, ao invés de apresentar motivos religiosos, tem razões técnicas. A heresia, tão combatida no início, será, no futuro, uma das bases de um novo paradigma. Alguns pesquisadores *visionários*, por suas concepções não-ortodoxas, passam esquecidos em seu tempo, sendo redescobertos e *glorificados* mais tarde.

A ciência parece não se desenvolver de forma contínua, cumulativa, ou seja, novas ideias não são simplesmente o refinamento das antigas.

Uma crise ocorre quando alguns cientistas, com valores diferentes dos demais, muitas vezes se aventurando fora dos limites convencionais de suas especialidades, não aceitam mais chamar as deformações encontradas de anomalias, oferecendo um novo paradigma. Eles o baseiam nas anomalias do antigo, tomando-as como os fenômenos normais e reais, constituindo-as como seus exemplares.

É interessante observar a possibilidade de os cientistas adquirirem novos valores científicos por razões não científicas. Grandes mudanças sociais ou culturais afetam a ciência através da criação de novos valores, que poderão, por sua vez, construir novos paradigmas.

A *revolução* científica ocorre quando uma teoria rival tem relativo sucesso na explicação das anomalias. Ela pode acontecer através de um choque entre facções diferentes ou por um processo de amadurecimento natural dos modelos.

Ideias que não apresentem mais progresso são, naturalmente, trocadas por outras novas e com potencial maior. Ideias controvertidas se tornam, gradativamente, interessantes e, depois, bem conhecidas.

O procedimento científico, segundo Paul Feyerabend, consiste em mistura inextricável de intuição, lógica e propaganda. A vitória do novo paradigma é, antes de tudo, social, não intelectual. Ele prevalecerá sobre o antigo se conseguir ter mais problemas a serem pesquisados, mais cientistas treinados, mais fundos de pesquisa e se produzir mais resultados práticos. Nesse ponto, todo o *ciclo* recomeça.

A mudança de paradigma demora a ocorrer e, normalmente, é desencadeada por jovens. As pessoas mais velhas têm muito para conservar, pois investiram mais no seu paradigma.

II. FIXAÇÃO DO PARADIGMA

Torna-se a cada dia mais difícil aceitar um único conceito, ou explicação, refletindo os diversos aspectos do cosmos, uma teoria fornecendo concepção exclusiva e última da realidade. É provável não existir algo na ciência a ser entendido como objetivamente verdadeiro, pois, para qualquer postulado tido como verdade, podem existir outros pontos de vista alternativos tão bons, ou, inclusive, melhores do que ele.

As teorias científicas não refletem o *real*, mas as projeções e percepções humanas sobre a realidade. De acordo com Edgar Morin, “o que aprendemos do mundo não é o objeto abstraído de nós, mas o objeto visto e observado, co-produzido por nós. O nosso mundo faz parte da nossa visão de mundo, a qual faz parte do nosso mundo. Ou seja, o conhecimento do objeto mais físico não poderia estar dissociado de um sujeito que conhece, enraizado em uma cultura e uma história.” (PESSIS-PASTERNAK, 1992; p. 89)

É nosso costume confundir modelo com verdade, teoria com realidade. Qualquer hipótese se baseia em alguns pressupostos acerca da natureza, não implicando na descrição exata da sua realidade. Deste modo, em ciência, qualquer modelo, teoria ou paradigma deve estar sujeito a aperfeiçoamento ou refutação.

Contudo, algumas teorias consideradas bem-sucedidas acabam por ser entendidas como a representação fiel da realidade, e passam a ditar as regras científicas e os comportamentos humanos. Esses denominados *paradigmas normativos* tornam-se estruturas conceituais inquestionáveis e filtram a percepção, fornecendo o modo *natural* de ver o mundo. Assim, muitos esquecem ser o paradigma fruto de teorias ou interpretações acerca da natureza, tomando-o como real. Logo, sua eficácia é diminuída, comprometendo-se-lhe a função.

Paradigmas atuam como filtros perceptivos. Quando o paradigma se torna implícito, não criticado, ele cria conjunto de crenças com tendência a moldar a percepção daqueles que o aceitam. Estas pessoas não conseguem sequer reconhecer a influência sofrida nessa situação.

Com isso, os paradigmas se tornam *autovalidadores*, sugerindo os campos de investigação, dando molde à pesquisa e determinando a interpretação dos dados e das experiências. Desta forma, ele consegue se manter por longo período, porquanto está sempre sendo validado, ao ter constantemente defendida a verdade de suas pressuposições.

Neste ponto, ocorre a *fixação do paradigma*, pois, ao entender que seus modelos e pressupostos são corretos, o pesquisador acaba sendo capaz de admitir somente sua própria teoria, visto lhe ser lógica a ideia de a natureza não pode funcionar de outro modo. *Quem tem certeza em relação a determinado conhecimento tende a não o questionar.* O encontrado fora do paradigma é negado ou encarado do ângulo do próprio paradigma, provocando muitas distorções.

É pertinente observar: aquele conhecimento considerado inquestionável por uma geração de

cientistas, formando sua própria estrutura de mundo, será contestado e mudado por gerações futuras. *A fixação paradigmática prende pessoas, culturas e organizações.*

Segundo Kuhn, o paradigma ajuda a estruturar a comunidade. O paradigma é aquilo que os integrantes da comunidade compartilham e, ao mesmo tempo, a comunidade científica consiste em pesquisadores que compartilham o paradigma.

Os integrantes de um grupo tendem a partilhar de premissas comuns, o que pode reforçá-las, levando-os a ter os mesmos valores, percepções e condutas. Qualquer questionamento dessas premissas costuma ser desencorajado ou não apoiado.

Propostas de novas teses ou modelos são inicialmente rejeitadas. Linhas de investigação diferentes não são consideradas legítimas e artigos relativos a elas não são publicados. O paradigma acaba gerando poderoso *holopensene*, produzindo campo de experiência social único para todos os comprometidos com ele. Com isso, ele cria a realidade cultural particular daquele grupo, que forma a base de sua organização.

Caso os condicionamentos culturais de uma comunidade não a preparem para lidar com certos tipos de fenômenos, sua tendência será a de excluir percepções incompatíveis com sua visão de mundo. Portanto, a tentativa de modificação do paradigma pode ser difícil, resultando, até, em choques e hostilizações entre os pesquisadores.

Essa, contudo, não é a maneira ideal de transição paradigmática, a qual pode ser feita, naturalmente, a partir de quebra de condicionamentos acrílicos e de abertura lúcida ao novo. É possível, inclusive, pesquisadores diferentes interpretarem e aplicarem o mesmo paradigma de modos diferentes. Assim, nem todos precisam adotar a mesma estratégia ou chegar à mesma conclusão. Como podem haver várias estratégias coexistindo, as chances de sucesso a longo prazo tendem a ser maiores.

A Filosofia Chinesa ensina, através do Livro das Mutações, que toda época de abundância é, em geral, breve, pois todo aumento é seguido por diminuição e à toda plenitude se segue o vazio. Isso se aplica aos paradigmas, geradores, em sua fase inicial, de muitas descobertas científicas, atingindo seu estado de plenitude. Todavia, com o passar do tempo, este quadro declina e ele entra em crise, esgotando-se, sendo substituído por outro.

A maneira de estabelecermos fundamentos firmes em épocas de grandeza, consoante os chineses, ocorre através da expansão *espiritual*, pois toda limitação acarreta amarga retribuição. A abundância só pode perdurar se números cada vez maiores de consciências são chamadas a compartilhá-la, evitando que o movimento se transforme no seu oposto. Isso pode ser conseguido a partir de maior exposição dos pesquisadores a outros grupos, modelos, teorias e culturas, quebrando a rigidez determinada pelo paradigma.

Consoante KUNH (1994; p. 32), “a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida.”

III. PARADIGMA CONSCIENCIAL

Não é possível produzir um fenômeno através de modelo mais simples do que o próprio fenômeno. Assim, não é possível, também, entendermos a consciência através de modelos reducionistas do paradigma mecanicista, muito úteis, mas em contexto físico, mais estreito. Não há como reduzir a consciência à máquina.

O pensamento humano não reflete o real, apenas o traduz, fazendo sua representação. Deste modo, ele tem suas limitações. A ciência, sendo construída a partir deste pensamento, fica presa a seus limites. Portanto, ela não tem como espelhar o real, pois este transcende nossas concepções intelectuais e palavras.

O real só pode ser melhor experienciado e compreendido através de manifestações conscienciais mais amplas que as cerebrais, inclusive aquelas extrapoladoras do pensamento, a exemplo da cosmoconsciência, a qual foge completamente da estrutura científica conhecida.

Por isso, é preciso haver ferramentas novas para tentar explicar a realidade, fugindo do domínio simplesmente racional, restritivo e aproximado. Novos métodos são necessários para levar a consciência à sua autoexperimentação, proporcionando-lhe a *autoconscientização multidimensional*, muito mais importante para ela do que provar para outros se sua vivência foi real ou não.

Em vários campos da ciência, o pesquisador, na busca da objetividade, não mantém relação de intimidade com seu objeto de estudo, revelando, até, certa distância e indiferença quanto ao mesmo. Ele se esforça no sentido de realizar medidas e reproduzir os experimentos, procurando eliminar tudo considerado subjetivo na investigação. Assim, a pesquisa pode ter pouca utilidade prática imediata para sua vida. No futuro, talvez, alguma aplicação tecnológica ou social de seu trabalho poderá lhe render benefícios.

O novo paradigma da *complexidade*, da ordem/desordem, vem sendo desenvolvido nas últimas décadas. Para Ilya Prigogine, um de seus precursores, a ciência, ao excluir os fenômenos sociais e humanos, será sempre muito acanhada. Além disso, diz ele, não é possível isolar um ser vivo de seu ecossistema, nem a pessoa da sociedade, nem o sujeito do objeto. Apesar do avanço de suas abordagens, mais complexas e abrangentes que as mecanicistas, esse paradigma ainda é, essencialmente, física.

A *Conscienciologia* reinsere a consciência no campo da ciência. Ela propõe a *projeção da consciência* e o *parapsiquismo* enquanto métodos de pesquisa científico, estimulando a coleta de dados em experimentos multidimensionais e abordando contextos pluriexistenciais.

A Conscienciologia apresenta características capazes de inseri-la dentro de novo paradigma: o *paradigma consciencial*. Ela tem o grande mérito de reunir várias tradições ligadas à multidimensionalidade e sintetizá-las em um grande paradigma científico. Deste modo, seus estudiosos conseguem *falar a mesma linguagem* e não precisam ficar o tempo todo se digladiando, repassando uns aos outros os fundamentos teóricos de suas pesquisas, tentando convencê-los de sua legitimidade.

Tudo isso é possível pelo fato dos fundamentos básicos serem pré-estabelecidos e aceitos por todos os envolvidos em seu paradigma. Com isso, muita perda de tempo e energia é evitada, pois o pesquisador pode se concentrar de forma mais profunda na investigação, com intensidade muito maior da possível em qualquer outra época anterior, quando o conhecimento multidimensional se encontrava muito disperso.

Mesmo reconhecendo as limitações às pesquisas impostas pela adoção de um paradigma, restritas apenas a determinado campo da realidade consciencial, muitas descobertas importantes podem ser feitas a partir do nível mais rigoroso e prático de investigações, de maneira sem precedentes na experimentação interdimensional da humanidade.

Isto vem ocorrendo através das ciências *Conscienciologia* e *Projeciologia*. Ao afastar de seu escopo o dogma, o misticismo e a fé, e incentivar a prática lúcida de suas teorias, elas podem, de maneira mais competente, auxiliar os pesquisadores a se aproximar de sua realidade.

Dentro de seus limites paradigmáticos, a Conscienciologia oferece vários modelos, teorias, e experimentos evolutivos. Eles não se aplicam, obrigatoriamente, a todas as consciências, é sempre bom termos em mente, mas isto não os desqualifica, pois podem atender às necessidades mais urgentes, no momento, de determinado número de indivíduos. Aos poucos, os próprios modelos e teorias vão sendo aperfeiçoados, enquanto o paradigma é melhor compreendido, alcançando mais pessoas.

O método científico experimental ortodoxo isola seus objetos da natureza para as experiências poderem ser reproduzidas em qualquer laboratório do mundo, independente do ambiente político, cultural ou ideológico daquele local.

Isto não é possível no paradigma *conscienciológico*, pois ele tem caráter peculiar, distinguindo-o das demais áreas de ciência: *pesquisador, objeto de estudo e métodos são um só elemento, a própria consciência*. Assim, ele possui sistemática diferente, pois o pesquisador é seu próprio laboratório e, neste sentido, as *vivências pessoais* são primordiais.

A investigação da consciência começa pela *autopesquisa* e passa pelo consenso de inúmeras outras autopesquisas. Não adianta o investigador ser somente teórico, mesmo sendo gênio, pois uma ideia se torna forte a partir das energias conscienciais firmes e coerentes do experimentador. *Cada consciência é, em si mesma, laboratório fértil para experimentações multidimensionais*.

A ciência, como atividade patrocinada, é grande instrumento de poder governamental, social ou consciencial. Entretanto, a base de toda ciência tem origem em sistema de valores, que a impulsiona. Desta forma, qualquer cientista é moralmente responsável por suas pesquisas.

O paradigma mecanicista se baseia em valores *antropocêntricos*, centralizados no homem e na matéria, conduzindo à ética humana. A Conscienciologia, por sua vez, tem base em valores *conscienciocêntricos*, centralizados na *consciência* e na sua *multidimensionalidade*, proporcionado a vivência da *cosmoética*.

A consciência se direciona, então, através de princípios pessoais, e não por normas ou interesses apenas humanos, aumentando seu senso de *consciencialidade*. Tal expansão de valores retrata bem a mudança de paradigma proposta por ela à ciência.

Em Conscienciologia, as pesquisas têm, intrinsecamente, conotação *assistencial*, sendo que o primeiro a ser assistido é o próprio pesquisador.

A consciência pesquisadora *testa* constantemente a si própria, podendo realizar, deste modo, sua reestruturação íntima. Ela pode passar por *crises* de crescimento e períodos de *revolução* consciencial, por meio de agudas *recins*. Na medida em que seu trabalho ajude outros indivíduos, caminhando para a *policarmalidade*, mais o pesquisador tem acesso às ideias originais.

Não existe pesquisa solitária dentro do paradigma consciencial. Ela ocorre em equipe: intra e extrafísica. Neste ponto, a *interdisciplinaridade* é essencial, pois as pesquisas têm propostas *universalistas*, visando a evolução global. Ao ter a oportunidade de exercitar a *teática* pessoal e grupal, o conscienciólogo apura sua noção de *grupalidade*, vivenciando, efetivamente, o *vínculo consciencial*.

A Conscienciologia possui, hoje, mais de setenta *especialidades científicas*, permitindo visão de conjunto bem ampla em relação a suas pesquisas. Ao compará-las com as especialidades científicas convencionais, podemos perceber sua profundidade e importância para as consciências.

O indivíduo lúcido aceita um paradigma porque compreende seus valores e concorda com eles, usando-o para orientar seus pensares e comportamentos, sem deixar, contudo, se aprisionar por ele.

Na Conscienciologia, a partir das características singulares de seu paradigma, o pesquisador não deveria ter a mesma postura acrítica quanto a seus fundamentos como ocorre na ciência tradicional. Torna-se essencial ele questionar constantemente seus modelos e teorias, perceber claramente os limites do paradigma, saber encarar suas falhas e anomalias e, de maneira lúcida, reconhecer seus próprios filtros pessoais, que podem desvirtuar a investigação.

O aprendizado consiste em saber se aprofundar no paradigma sem se fechar nele. A Conscienciologia se baseia em paradigma centrado nas consciências e, portanto, qualquer fechamento desnecessário, ou duradouro, pode restringir as manifestações conscienciais. *No paradigma consciencial, excluir outro ponto de vista pode significar excluir outra consciência.*

Um dos principais papéis do conscienciólogo é ajudar as pessoas a refletir, e não refletir por elas. Albert Jacquard argumentou: “Se um dos objetivos da ciência é o de responder às questões, mais importante ainda é formular novas questões. É graças a elas que se dão todos os progressos do conhecimento.” (PESSIS-PASTERNAK, 1992; p. 151)

É prioritário, pois, dar abertura para cada consciência colocar seus questionamentos. Ao invés de sempre fornecer respostas, que fecham um problema, incentivar questionamentos pode abrir o indivíduo para sua consciencialidade.

Épocas de crise e revolução paradigmática constituem a própria natureza da ciência. Os aprimoramentos de métodos, modelos e teorias na Conscienciologia, e a própria possível mudança futura do paradigma, não precisam ocorrer através de litígios, mas podem ser processo de amadurecimento das vivências e relações conscienciais. *Quanto mais dinâmico e sereno for o processo de mudança, mais profunda será a capacidade de compreensão consciencial.*

Os conscienciólogos devem estar aptos a lidar com as anomalias encontradas em suas buscas, entendendo serem elas a base para o aprimoramento do paradigma vigente e, dependendo do caso, para o estabelecimento de novo paradigma, que poderá, naturalmente, no futuro, substituir o antigo.

O período de crise na ciência não precisa ser visto negativamente ao modo de o prenúncio de seu fim, mas época rica de informações com possibilidade de dar origem a novos modelos, à renovação. Os paradigmas existem para servir às consciências, e não para limitá-las, equívoco bastante cometido. Revoluções paradigmáticas podem gerar, se bem aproveitadas, reurbanizações conscienciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consciência é mais importante que o método. Os métodos de pesquisa podem ajudar o conscienciólogo a organizar suas teorias e direcionar melhor seus estudos. Contudo, eles não devem inibir ou restringir a pesquisa conscienciológica, pois têm caráter secundário perante as ideias e as consciências.

Aos poucos, com a prática, a metodologia vai sendo aprendida, aperfeiçoada e adaptada às investigações conscienciais, singulares. Isto é muito diferente de forçar a ideia e a experiência a se encaixarem em método preconcebido. Por existirem consciências bastante diferentes entre si, muitas delas precisarão de métodos particulares.

A ciência não cultua nomes nem pessoas. Às vezes, valorizamos demais um nome, ficando presos a ele, menosprezando a *ideia fundadora* de sua assistência. Não importa o rótulo dado a uma ideia, mas o nível de benefício trazido por ela às pessoas. Consciências lúcidas podem viabilizar a mesma ideia básica de vários modos diferentes, alcançando indivíduos em diferentes estágios evolutivos. Essa é demonstração prática e competente de universalismo. *Ao generalizarmos nossas vivências, podemos limitar os outros à nossa experiência.*

A maioria de nós não conseguiu, ainda, compreender a Conscienciologia através do paradigma da própria Conscienciologia. Sendo assim, ainda a enxergamos com nossos velhos filtros, paradigmas antigos, impedidores da percepção de seu real porte.

Quem estava acostumado a ter fé, impor a fé, ser guru, doutrinar, dogmatizar, ser submisso, segregar, usar o autoritarismo, guerrear, sentar no trono ou ser ortodoxo em alguma área da ciência, tende a usar, mesmo em menor grau, estes mesmos hábitos em suas primeiras experimentações da Conscienciologia. *Vivemos mescla do passado com o presente, tentando preparar futuro melhor.*

Estamos identificando, hoje, apenas a *ponta do iceberg* da Conscienciologia. Muitas consciexes vêm ressoando, ou estão para ressoar, com perspectivas mais esclarecidas que as nossas, com entendimento mais amplo do paradigma consciencial. Entretanto, nosso trabalho é importante e estamos, de certa maneira, preparando o terreno para elas neste planeta, e para nós mesmos no futuro.

O ocultismo e o esoterismo já tiveram sua época. Hoje vivemos na era da informação. Pesquisar implica em exposição. Uma pesquisa é válida quando auxilia o pesquisador, mas, também, beneficia outras pessoas. Guardar para si seu amadurecimento inibe as pesquisas, e estas perdem gradativamente o amparo e a qualidade, até se transformarem no reflexo do mundo limitado e egoísta daquela consciência ou daquele grupo.

Assim, debates, painéis, artigos, cursos, livros, palestras, entrevistas, encontros diversos, intra e extrafísicos, fazem parte do trabalho assistencial do conscienciólogo. A partir disto, ele pode aprofundar suas ideias, ter contato com outras fontes, pontos de vista, e crescer. *A pesquisa conscienciológica prima pela cada vez mais abrangente interdependência consciencial.*

REFERÊNCIAS

1. KUHN, Thomas S.; *A Estrutura das Revoluções Científicas*; 3ª ed.; Perspectiva; São Paulo, SP; 1994; p. 30-33, 43-46, 120, 217-220, 226-227, 232-236, 246, 255.
2. PESSIS-PASTERNAK, Guitta (org.); *Do Caos à Inteligência Artificial*; 2ª ed.; Unesp; São Paulo, SP; 1992; p. 19-25, 37, 52-53, 63, 67, 84, 88-89, 92-95, 98, 100, 102-103, 106-107, 117-118, 125-126, 128, 134, 144, 151.
3. WILHELM, Richard; *I Ching – O Livro das Mutações*; Pensamento; São Paulo, SP; p. 485.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. CAPRA, Fritjof; *A Teia da Vida*; Cultrix; São Paulo, SP; 1997; p. 23-29.
2. CHALMERS, A. F.; *O Que é Ciência, Afinal?*; Brasiliense; São Paulo, SP; 1993; p. 123-136, 205-216.
3. REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario; *História da Filosofia – Volume I*; 3ª ed.; Paulus; São Paulo, SP; 1990; p. 35-38.
4. RUELLE, David; *Acaso e Caos*; Unesp; São Paulo, SP; 1993; p. 57-58, 93, 113.
5. SALLES, Maurício; *A Ciência da Consciência*; Gestações Conscienciais; Vol. 3; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1998; p. 88-91.
6. VIEIRA, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; p. 77, 90, 92, 99-101.
7. WALSH, Roger N. & VAUGHAN, Frances (org.); *Além do Ego – Dimensões Transpessoais em Psico-*

logia; Cultrix / Pensamento; São Paulo, SP; p. 19, 27-28, 33.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 10ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2008.

Maurício Salles, engenheiro civil; pós-graduado em Análise de Negócios e Informação; voluntário do IIPC desde 1992; professor de Conscienciologia no IIPC desde 1993; atualmente coordena as atividades de Expansão no IIPC Belo Horizonte e é editor da revista *Homo projector* do IIPC.

E-mail: onmsalles@yahoo.com.br